
AS PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Liamara Da Silva Teixeira¹

Ivonete Ramalho Piccoli²

Ivanete Pedrosa Da Silva³

Resumo

O presente artigo aborda sobre a Educação do Campo, dentro do sistema educacional. Tendo como eixo a importância de discutir os desafios e as perspectivas que o professor se depara em diferentes situações do cotidiano. Educação do Campo no ensino aprendizagem vem trazer e somar conhecimentos e culturas mostrando realidades diferentes, sendo assim a base para que os educandos desenvolvam suas atividades para o seu crescimento e transformação como ser social com habilidades de conhecer, atuar e refletir de forma ativa mediante a realidade. Traz como objetivo geral compreender o modelo de educação do campo como formadora de sujeitos voltados para o estudo da realidade em que estão inseridos. É de extrema importância que se tenham reflexões de nossas ações educativas, pois estamos sempre nos deparando com os mais longos desafios da caminhada educacional, por isso a pesquisa confirma a importância que a prática educativa contribui para o desenvolvimento da aprendizagem do educando. Para tanto, a Educação do Campo se afirma na defesa de um país vinculado à construção de um projeto de desenvolvimento, no qual a educação é uma das dimensões necessárias para a transformação da sociedade atual.

Palavras-chave: Escola do Campo, Educação, Conhecimentos, Ensino – aprendizagem.

EDUCATIONAL PRACTICES FOR FIELD EDUCATION

Abstract

This article deals with Rural Education, within the educational system. Having as axis the importance of discussing the challenges and perspectives that the teacher faces in different daily situations. Rural Education in teaching and learning brings and adds knowledge and cultures showing different realities, thus being the basis for students to develop their activities for their growth and transformation as a social being with skills to know, act and reflect actively through the reality. It has as a general objective to understand the model of education in the field as a trainer of subjects focused on the study of the reality in which they are inserted. It is extremely important to reflect on our educational actions, as we are always faced with the longest challenges of the educational journey, so the research confirms the importance that educational practice contributes to the development of the student's learning. To this end, Education in the Countryside asserts

¹ Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso. lteixeira951@gmail.com

² Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso. ivonete.picole@hotmail.com

³ Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso. ivapedrosa2013@hotmail.com

itself in the defense of a country linked to the construction of a development project, in which education is one of the dimensions necessary for the transformation of today's society.

Keywords: Escola do Campo, Education, Knowledge, Teaching - learning.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo geral ponderar as práticas pedagógicas educativas pautadas com a realidade do campo, o chão onde se planta e se constrói; um chão que é transformado pela ação da reflexão, do estudo cada vez mais rígido e comprometido socialmente. Tais práticas já foram trilhadas, reunindo um número consistente de experiências e registrando teorias que vão sendo revisadas e consolidadas.

O serviço pedagógico estar subordinado das condições humanas, materiais e históricas. Estar sujeito de um projeto de educação que não poderá ser conjecturado sem um projeto de nação e desenvolvimento. Sempre que desconhecemos ou rejeitamos a dimensão histórica dos significados teóricos, suas influências ideológicas e da ação política, tanto melhor para aqueles que apreendem o poder sobre o status quo e tanto pior para os que almejam abranger as possibilidades de desenvolvimento humano numa expectativa revolucionária.

Tendo claro que as práticas pedagógicas estão inseridas em uma totalidade, passamos às reflexões inspiradas em nossas pesquisas. a educação do campo como formadora de sujeitos voltados para o estudo da realidade em que estão inseridos, e como objetivos específicos analisar ferramenta articuladora no processo de ensino; compreender como se dá o processo e a utilização de atividade lúdica na construção do conhecimento e identificar os fatores positivos e negativos na construção de saberes.

A abordagem metodológica que norteia a pesquisa é de caráter bibliográfico, uma vez que ela abre os caminhos do aprendizado porque nos respaldamos em estudos que contribuem para o ensino e aprendizagem na perspectiva da Educação do Campo.

A metodologia adotada foi o levantamento de fontes bibliográficas em livros. Procuramos entender tanto o papel da educação do campo na sociedade,

mais especificamente na prática pedagógica educativa. Buscando solucionar o problema é importante a prática pedagógica educativa no campo?

Justifica-se de extrema importância que se façam reflexões de nossas ações educativas, pois estamos sempre nos deparando com os mais longos desafios da caminhada educacional, por isso a pesquisa confirma a importância que a prática educativa contribui para o desenvolvimento da aprendizagem do educando.

Tem-se o propósito em demonstrar as relações existentes entre a prática pedagógica perante a Educação do campo, na tentativa de compreender o processo das transmissões dos valores culturais e tentar quebrar essa perpetuação para promover e impor uma nova relação da exclusão da conscientização da preservação do meio ambiente para a socialização da humanidade como um todo.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. A Educação do Campo

A educação do campo tem invadido espaço na agenda política nas esferas municipal, estadual e federal nos últimos anos. Fruto das demandas dos movimentos e organizações sociais dos trabalhadores rurais, a educação do campo proclama uma nova compreensão quanto ao campo, o camponês ou o trabalhador rural, fortalecendo a atitude de classe nas lutas em volta da educação.

Em divergência à visão de camponês e de rural como sinônimo de antiquado e obsoleto, a percepção de educação do campo aprecia os conhecimentos da prática social dos camponeses e destaca o campo como espaço de trabalho, residência, descanso, sociabilidade, identidade, enfim, como lugar da constituição de novas possibilidades de reprodução social e de desenvolvimento sustentável.

A luta dos trabalhadores para abonar o direito à escolarização e ao conhecimento faz parte das suas táticas de resistência, levantadas no aspecto de sustentar seus territórios de vida, trabalho e identidade, e abrolhou como reação

ao histórico conjunto de atos educativos que, sob a designação de Educação Rural, não só nutriram o quadro incerto de escolarização no campo, como também cooperaram para vincular as desigualdades sociais naquela região.

A LDB em seu artigo 28 estabelece as seguintes normas para a educação do campo: Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino proverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I- conteúdos curriculares e metodologia apropriada às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II- organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III- adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996).

Ao distinguir a especificidade do campo, com deferência à diversidade sociocultural, a LDB em seu artigo 28 estabelece uma inovação no sentido de abrigar as diferenças sem transformá-las em dessemelhanças, o que sugere que os sistemas de ensino deverão fazer adequações na sua forma de organização, funcionamento e acolhimento para se ajustar ao que é típico à realidade do campo, sem perder de vista a dimensão universal do conhecimento e da educação.

A educação do campo une a luta por educação ao conjunto das lutas pela transformação das condições de vida do campo (CALDART, 2004), articulando com a ciência, a cultura, a experiência e o trabalho. Com tudo paramos e pensamos se a escola do campo deve ser entendida como uma escola diferente. Por meio de diversas mobilizações e enfrentamentos insere suas lutas e demandas dentro do espaço público, nas ações governamentais, principalmente na construção de políticas públicas educacionais.

Como afirma Leite (1999) em seu estudo sobre a educação rural.

a sociedade brasileira somente despertou para a educação rural por ocasião do forte movimento migratório interno dos anos 1910/20, quando um grande número de rurícolas deixou o campo em busca das áreas onde se iniciava um processo de industrialização mais amplo. (LEITE 1999, p. 28).

Assim ressalta Luna (2009):

Assim a educação entendida como formadora de sujeitos e articulada a um projeto de emancipação humana, tem de estar enraizada na cultura, no processo que nos faz homens e mulheres responsáveis e livres, capazes de refletir sobre sua atividade, de ver e corrigir os erros de cooperar e de relacionar-se eticamente, e precisa estar centrada no campo dos direitos, da educação como bem social. (LUNA 2009, p.75)

No entanto entende-se que o homem do campo busca sua integração no contexto em que vive, como também, busca alcançar os objetivos da classe através dos movimentos sociais onde a educação oferecida seja levada em conta, com suas especificidades e com garantia de acesso à terra, para que assim possa produzir, ter acesso aos conhecimentos e a escolarização necessária para a sua emancipação.

Dessa forma, pode-se dizer que a educação do campo assume uma postura peculiar, “que é o vínculo com sujeitos sociais concretos e com um recorte específico de classe, mas sem deixar de considerar a dimensão da universalidade: antes (durante e depois) de tudo ela é educação, formação de seres humanos.” (CALDART, 2004, p. 17,18). Ou seja, a educação não tem o papel apenas de formar sujeitos técnicos e profissionais, mas, sim, deve formar seres humanos que possam compreender a diversidade cultural, e nela a sua realidade, a ideia de um pacto planetário de respeito mútuo aos diversos cultos religiosos, um pacto de apoio ao meio ambiente, dentre outros.

2.2. Práticas educativas no processo de ensino da Educação do Campo

As práticas pedagógicas são resultadas de percepções de mundo, que, por sua vez, satisfazem às técnicas empregadas em uma sala de aula, isto é, “toda prática educativa implica uma teoria educativa” (Freire, 1996, p.17). Deste modo, teoria e prática se acoplam para formar um ser humano conforme determinado pensamento.

As práticas pedagógicas são práticas sociais orientadas por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inseridas dentro de um contexto social. É a ação pedagógica que se usa para ensinar, desde como preparar uma aula, com qual

técnica de metodologia usar, nas quais decidimos quais habilidades, e quais competências, vão ser desenvolvidas, desde os materiais a serem utilizados, os temas a serem estudados etc. É a atividade pedagógica desenvolvida e colocada em ação na sala de aula dentro de um contexto com diversos sujeitos, de diversas formas de pensar e de origens diferentes.

Pensada nessa direção, a formação dos professores da escola do campo prescinde a reflexão coletiva com outros parceiros envolvidos nesse espaço singular, para construírem novos pensares e fazeres, transformando as suas ações para atender aos interesses dos grupos sociais a que essas práticas estão sendo vivenciadas.

Segundo Soares (1995)

A formação deve levar em consideração liberdade de consciência para o diálogo e para as decisões em conjunto, o que implica em desvendar a realidade e se organizar para transformá-la, sintetizando os interesses dos grupos sociais, o que compreende a lógica freireana do ser para ser mais, onde o democrático, o participativo, se aprende na prática. (SOARES 1995, p. 5).

Dessa maneira, a escola, seja ela do campo ou não, funciona como um dos principais elementos responsáveis em reproduzir o discurso das culturas dominantes, naturalizando a existência de uma divisão da sociedade em classes opostas. Essa contradição (hierarquias) só é possível porque os direitos são apresentados a todos com a mesma dimensão que aparecem às camadas privilegiadas.

Para que o trabalho pedagógico se efetive e cumpra seu objetivo (a formação unilateral), faz-se necessária uma profunda relação entre os dois tempos formativos. A eficácia do processo, em grande medida, depende de como essa compreensão é apropriada pelos sujeitos da formação.

Para Soares (1995):

O mais importante, porém, é que, numa escola transformadora, a articulação de conhecimentos produzidos por diferentes teóricos se faz a partir de uma concepção política da escola, vista como espaço de atuação de força que podem levá-la a contribuir na luta por transformações sociais. (SOARES 1995, p. 75)

Precisamos proporcionar, aos nossos educandos, momentos de sensibilidade, pois como afirma Freire (1996, p. 35), “A razão controla, a paixão move”, a leitura, portanto, é uma prática pedagógica, afetiva, social e cultural, que envolve esforços conjuntos, tornando os leitores cidadãos críticos na construção de novos conhecimentos, fazendo com que os mesmos, percebam-se como seres históricos, sociais e sensíveis.

A influência mútua entre conhecimento científico e os saberes do povo necessita estabelecer diálogos na finalidade de cooperar para que o estudante alcance entender sua realidade e identificar nela os conceitos científicos que estão sendo examinados. É imprescindível nos indagar se o processo está sendo compreendido por alguns como dois tipos incombináveis de produção de conhecimento.

Desta forma, entre os desafios da educação do campo, aliado à garantia ao acesso do conhecimento como suporte imprescindível na resistência dos educandos, vale salientar que a luta é árdua e contínua, pois, como cita Arroyo (2011):

É preciso levarmos em consideração que a escola do campo traz as marcas dos sujeitos: das diferenças convertidas em desigualdades. É intensa a relação entre as desigualdades econômicas e sociais historicamente sofridas pelos sujeitos do campo e a ausência do direito à educação no território rural. Conhecer as marcas das desigualdades do sistema escolar do campo é condição para compreender os resultados obtidos por suas escolas e principalmente, para construir caminhos necessários à sua superação.

Deste modo, consideramos que o que deverá ser ensinado aos educandos está relacionado com a história de vida de cada um deles, com o contexto, com as vivências pessoais e sociais dos mesmos. Freire (1996, p. 96), fala que:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas do seu

pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, seus interesses.

Nessa concepção, acreditamos que as ações, os métodos de ensino, a organização das atividades, com base nos conceitos específicos fazem a mediação entre ensino e a aprendizagem, e nas formas de interação entre professor e aluno, tendo como resultados as assimilações conscientes do desenvolvimento e capacidades cognitivas dos mesmos, quanto mais cedo essas interações forem feitas maiores serão as possibilidades de compensar, reparar ou modificá-las.

Neste sentido, as práticas educativas propostas pelos Movimentos Sociais do Campo procuram incluir, enfatizando a importância e a necessidade dos conteúdos escolares, as dimensões da aprendizagem que tradicionalmente foram pouco trabalhadas ou mesmo ignoradas no contexto escolar.

Desse modo, o planejamento escolar precisa estar em consonância com as necessidades não apenas das crianças, considerando-se o universo infantil, o tempo de desenvolvimento, mas também com as necessidades da comunidade da qual a criança participa. É essa articulação que imprime ao currículo o potencial de construção das identidades individuais e coletivas.

Embora existam diversas formas de considerar a educação, o processo educativo, na sala de aula o aluno e a relação ensino/aprendizagem, segundo este autor, não se pode falar de uma receita prévia à prática.

O indivíduo deve ser capaz de construir seu próprio conhecimento bem como de se auto-avaliar. O educador apenas cria condições que facilitem a autoaprendizagem, de forma que seja possível o desenvolvimento intelectual e emocional do educando. “Se cada um, professor e aluno, desempenhar seu papel de maneira eficiente e respeitando as diferenças e diversidades do mundo moderno, teremos um resultado pleno de êxitos e de conquistas” (PONTES, 2019, p.121).

Neste método, a educação passa a ser centrada no educando/a. No método cognitivista busca-se estudar detalhadamente os mecanismos de aprendizagem, pois “a educação é condição formadora necessária ao desenvolvimento do ser humano” (LEITE 1999, p. 4).

Como contribuição para a Educação do Campo, reforçamos a noção de um projeto de educação voltado para um projeto social. Trabalhar estes quatro temas referentes à sala de aula nos possibilitou compreender que o entorno da escola é muito mais do que a alfabetização ou os métodos pedagógicos. Estes temas se relacionam na tentativa de diminuir as dificuldades de aprendizagem. Os jogos e brincadeiras e outros recursos didáticos não podem apenas ser considerados como facilitadores do processo de ensino-aprendizagem. Eles terão um significado mais profundo na prática do educador/a, na medida em que este/a não trabalhe isoladamente ou alheio a um projeto de escola, de educação e, sobretudo, de sociedade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas pedagógicas em suas experiências comuns, hoje, são desenvolvidas geralmente com fortes nuances de afetividade docente aos educandos no processo de escolarização desenvolvido no Campo. A parte da pesquisa empírica desse estudo pôde constatar que, marcadamente, a afetividade é um componente acentuado nas relações estabelecidas em sala de aula e a partir dela.

Com base sobre realidade da educação no campo podemos concluir a escola do campo é mais do que escola, não é apenas local de ensinar, é o centro da organização da comunidade local, é espaço de efetivação das políticas públicas educacionais, da representação efetiva do Estado no seu papel de garantir direitos a todos os cidadãos. É o equilíbrio social da comunidade, o local de vivência, de exercer cidadania.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G.; FERNANDES, B. M. **A educação básica do campo**. Brasília: MST – coordenação da Articulação Nacional por uma Educação Básica do campo, 2011.

BRASIL. LDB, Lei 9394/96 **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Corde, 1996.

CALDART, Roseli Salete. **Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção**. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEITE, S. C. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 1999.

LUNA, A. C.; ROCHA, E. N. (orgs.). **Práticas pedagógicas e formação de educadores (as) do campo: caderno pedagógico da educação do campo**. Brasília: dupligráfia, 2009.

PONTES, Edel Alexandre Silva. O PROFESSOR ENSINA E O ALUNO APRENDE: QUESTÕES TEÓRICAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA. **RACE-Revista da Administração**, v. 4, p. 111-124, 2019.

SOARES, M. **Linguagem e escola: Uma perspectiva social**. 13ª Ed. São Paulo: ática, 1995.